



Entre dois mundos: Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim

Between Two Worlds: Adriana Armony, Giselda Leirner and Lúcia Aizim

Rodrigo Felipe Veloso*

Universidade Estadual de Montes Claros | Minas Gerais, Brasil

rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

Resumo: Este artigo investiga os ritos e vestígios da tradição judaica na literatura produzida por Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim, bem como realizar uma leitura crítica da literatura brasileira da Shoah, em especial em *Judite no país do futuro* (2004), de Adriana Armony, *Nas águas do mesmo rio* (2005), e *Naufrágios* (2011), de Giselda Leirner, bem como *Errância* (1978), de Lúcia Aizim, uma vez que se encontram imersas nelas descrições do exílio judaico e experiência marginal do processo ritualístico, problematizando assim, o diálogo transdisciplinar judaico da literatura feita por mulheres numa tentativa de romper com a tradição e impor a transgressão das normas instituídas socialmente. Para isso, fundamenta-se com base nas postulações teórico-críticas de Regina Igel (1997), Berta Waldman (2019), Lyslei Nascimento (2007), Arnold Van Genep (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Judaico-Brasileira. Escritoras. Ritos e Vestígios.

Abstract: This work aims to investigate the rites and traces of the Jewish tradition in the literature produced by Adriana Armony, Giselda Leirner and Lúcia Aizim, as well as carry out a critical reading of Brazilian Shoah literature, especially the works *Judite no país do futuro* (2004), by Adriana Armony, *Nas águas do mesmo rio* (2005), and *Naufrágios* (2011), by Giselda Leirner, as well as *Errância* (1978), by Lúcia Aizim, since they are immersed in them descriptions of Jewish exile and marginal experience of the ritualistic process, thus problematizing the Jewish transdisciplinary dialogue of literature made by women in an attempt to break with tradition and impose the transgression of socially instituted norms. To do this, it is based on the theoretical-critical postulations of Regina Igel (1997), Berta Waldman (2019), Lyslei Nascimento (2007), Arnold Van Genep (2011), among others.

Keywords: Jewish-Brazilian Literature. Women Writers. Rites and Vestiges.

Introdução

O que são as palavras deitadas num livro? O que são aqueles símbolos mortos? Nada,

* Professor na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutor em Letras: Estudos Literários.



absolutamente. O que é um livro, se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com páginas, mas, se o lemos, acontece uma coisa estranha, acho que ele muda a cada vez.

(Jorge Luis Borges)

Os meus livros guardam entre as suas capas todas as histórias que já conheci e ainda recordo, ou que entretanto esqueci ou poderei um dia ler; preenchem o espaço que me envolve com vozes antigas e novas.

(Alberto Manguel)

Na literatura brasileira de expressão judaica, e em especial nos contos, poesias e ou romances do século XX e XXI, vê-se representado, com frequência, o encontro entre a cultura tradicional judaica com a cultura brasileira. Assimilação e aceitação, exclusão e exílio são recorrentes, e que tem como um de seus temas o retrato das dificuldades, idealizações, ambições e nostalgias que decorrem da passagem dos ritos vivenciados pelo indivíduo mediante experiência liminar e marginal de todo o processo e sistema social, isto é, este se encontra numa estrutura que representa a experiência da individualidade vivida, num período de isolamento e autonomia do grupo, e, sobretudo, compreende-se que ele está deslocado e visando uma nova condição e agregação de vida.

O universo assim representado é, portanto, um território instável, não permanente, de confronto de culturas e de busca por síntese, de unidade cuja dinâmica é muitas vezes determinada pela tentativa, nem sempre bem-sucedida, de superar polaridades, visto que os ritos de passagem surgem nessa tentativa do ir e vir, do estar e permanecer, de um ao outro estágio, entre dois mundos numa mutabilidade recorrente que se constitui como identidade em transição, ou conforme Márcio Seligmann-Silva pontua sobre a inserção da Shoah na literatura brasileira, ou seja, é “extremamente marginal”, mas que existe uma pequena e importante parcela dela sendo produzida.¹

Para tanto, verifica-se a necessidade de se investigar como a literatura brasileira de expressão judaica é produzida nesse período tido como “marginal”, bem como recortando dessa literatura uma análise crítica-textual focando nas estratégias de construção da memória e observando se a literatura da Shoah representa um ritual? O indivíduo em exílio se encontra no período de margem e liminar do processo

¹ Seligmann-Silva, 2007.



ritualístico? Numa tentativa de aproximar arte e existência, sendo as autoras mulheres encontram-se estratégias de enunciação que insubmissas, a figura do feminino desconstrói o discurso do ser, estar no mundo? Isso porque quando a literatura possui esse aspecto, a história narrada apresenta-se como um ritual que se liga à memória e, a personagem-protagonista, numa espécie de reinício, descreve-nos as experiências como se fossem a “primeira vez”, um retorno constante ao centro, ao núcleo das coisas. O rito, assim, “sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade”.³

Ritos e vestígios da tradição judaica: viver à margem da sociedade

Nos textos produzidos por Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim a referência dos ritos e dos vestígios da tradição judaica acontece à medida que a narrativa vai sendo construída e histórias contadas. Um exemplo disso surge no romance *Nas águas de mesmo rio*, de Giselda Leirner, especialmente quando a protagonista ao perder os pais reflete sua condição de vida inserida numa estrutura liminar e marginal do processo ritualístico:

[...] Minha vida toda é um estado de crise. Só terminará com a morte. (...) Parei, pensei... muito. Que imagem era esta dentro de mim. Aquela não era eu. Era o meu eu assassinado no dia em que meu pai e minha mãe me deixaram só aqui neste mundo canalha e emporcalhado. Só, fiquei no deserto.⁴

A posição da protagonista revela que os choques do devir são marcos no caminho da individuação, pois “nada amplia mais a consciência do que essa confrontação dos ‘antagonismos internos’”.⁵ Nesse caso, ela é desafiada como uma mulher completa, que se encontra só. “No seu caso, o corte é transferido para o mundo interior, sendo o veredicto pronunciado a portas fechadas”.⁶

Berta Waldman sobre a poesia de Lúcia Aizim sublinha que se trata de uma obra com temática em que o judaísmo apresenta-se como matéria híbrida revestida de elementos tropicais, brasileiros, isto é, integra na unidade do nacional a presença do estrangeiro e contempla a tradição judaica que se nutre da vida cotidiana.

Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim abordam o discurso coexistente da vida cotidiana que se entrelaça com a experiência dos ritos vivenciados no passado,

³ Gennep 2011, p. 10.

⁴ Leirner, 2005, p. 22-23.

⁵ Jaffé, 1983, p. 97.

⁶ Jaffé, 1983, p. 97.



com as memórias e subjetividades, com o exílio judaico e tem-se a imagem do indivíduo sendo o elemento sempre ambíguo, paradoxal que organiza a construção do mundo numa relação interior e exterior.

Dito isso, a literatura produzida por mulheres que vai da tradição à transgressão e de quanto destecem e tecem uma linha de vida e existência do indivíduo que se encontra no exílio, no período liminar e marginal do processo ritualístico e, sobretudo, mesmo transposto esse obstáculo novos diálogos surgem como experiência da coexistência e liberdade de ser / estar no mundo.

Sobre os ritos de passagem faz-se necessária apresentação do conceito, função e aplicação na literatura. A teoria dos ritos de passagem servir-nos-á como aparato teórico-metodológico para a análise das obras em estudo e assinala as mudanças dos indivíduos ao longo de seu percurso e travessia social. Van Gennep⁷ estuda como as sociedades realizam seus ritos, e nos mostra como a passagem de uma categoria, ou condição a outra demarca como esses ritos podem ser concebidos em sequenciação narrativa ou sequência cerimonial, bem como podemos situá-los numa relação trifásica,⁸ a saber: 1) ritos preliminares – ritos de separação – movimento de ruptura na organização primeira. Provas e provações que serão vistas enquanto resultado da separação do indivíduo do grupo no qual estava inserido; 2) ritos liminares – ritos de margem – liminaridade do processo, ou seja, o indivíduo está na margem entre a sua vida antiga e a que está por surgir, dessa maneira vivendo nesse estágio, este experimenta tanto o aspecto sagrado quanto o profano da vida, a fim de passar pelas transformações naturais desse processo; 3) ritos pós-liminares – ritos de agregação – surgimento de uma nova organização do sistema atrelada ao que veio anteriormente. Demonstra a passagem do indivíduo pelas provas das fases anteriores, o que mostra que este está apto e habilitado a fazer parte como membro dessa comunidade, pois cumpriu todo o ritual esperado.

Vale ressaltar que a escolha de tais ritos a serem analisados nas narrativas em apreço acontecerá na medida em que eles surjam no decorrer da obra literária e, sobretudo, a predileção pelos ritos liminar, margem nesse trajeto investigativo se dará por ser o mais profícuo e fértil, bem como possibilidade de relacioná-lo ao exílio judaico enquanto função reflexiva e transitória do indivíduo na construção de si mesmo e de sua identidade.

De todo modo, as reflexões aqui propostas coadunam de forma complementar as discussões acerca do exílio judaico, ritos de passagem e da memória, a serem desenvolvidas em *Judite no país do futuro* (2004), de Adriana Armony, *Nas águas do*

⁷ Gennep, 2011.

⁸ Para descrição e conceituação dos três estágios dos ritos de passagem, ver: Veloso, 2012.



mesmo rio (2005) e *Naufrágios* (2011), de Giselda Leirner, bem como *Errância* (1978), de Lúcia Aizim.

Em “Os novos escritores brasileiros-judeus: geração dos anos 70”, Regina Igel analisa livros de escritores brasileiros judeus publicados a partir dos anos de 1990, dentre eles, *Judite no país do futuro*, de Adriana Armony. Essa narrativa aborda a história de agruras por quais passaram os judeus no século XX, bem como as “sagas familiares”, que representa a história das gerações ou como propõe Igel: “[...] a Judite do romance é a própria avó, pois é ela quem conta sua história e é ela quem espera ser alimentada pelas gerações sucessivas (mas, para seu desencanto, seus netos a negligenciam e pouco se inclinam ao judaísmo como ela o praticava)”.⁹

A trama de *Judite no país do futuro* se inicia em 1916 e termina em 2004, pela voz da protagonista que relata ao longo da vida as lembranças e história de mundo que conheceu, bem como o desalento ao final revela que os laços familiares estão abalados e os netos não interessam na perpetuação da tradição familiar. Igel sublinha que: “seu valor reside tanto na estrutura ficcional quanto no arcabouço histórico que a sustenta e na honestidade intelectual de incluir dados verossímeis numa linguagem literária.”¹⁰

As narrativas escolhidas para este artigo apresentam cenas que entremeiam o passado e o presente e a perspectiva de um futuro ora promissor e edificante, ora decadente e infértil com relação à manutenção da tradição, memória e cultura judaica. As narrativas de Giselda Leirner remontam um trabalho minucioso sobre a criação literária judaica no Brasil.

Os ritos de margem representam, na cena da escrita da literatura da Shoah, um lugar de inscrição que potencializa o fazer e analisar literário, bem como tendo a função reflexiva do indivíduo diante dos percalços e eventos enfrentados e, portanto, não se limita ao olhar observador do leitor, pelo contrário, despertará neste para um manancial de elementos intrínsecos no texto e fora dele, uma vez que parte do olhar sensível de quem lê o material narrativo ampliando o ponto de observação. Diante dessa estratégia e abordagem, unir ritos com os vestígios da tradição judaica na literatura brasileira assinala um discurso de emancipação em prol do bem coletivo e social.

Arnold Van Gennep designa pelo nome “margem” como sendo algo “simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra”.¹¹

⁹ Igel, 1997, p. 149.

¹⁰ Igel, 1997, p. 140.

¹¹ Gennep, 2011, p. 35.



O indivíduo adentrou num território desconhecido. Não conseguirá dissociar de seu passado, e nem tampouco estará apto a vivenciar o estado futuro e almejado, a não ser que este se integre completamente¹². Dessa forma, os ritos de margem “podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação”.¹³

Parte-se do princípio de que os ritos de margem pode se relacionar com o lugar do escritor exilado e, particularmente, das personagens que vivenciam o exílio. Isso porque nesse lugar não somente de privação, espera, reflexão, tem-se a liberdade de criação, de se pensar em um novo rumo e destino a ser vivido, isto é, surge a partir de então, um processo de descoberta e identificação do indivíduo numa nova condição e ritual de vida, ou como define Edward Said em *Representações do intelectual*:

O exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir caminhos prescritos. Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único.¹⁴

Desse modo, o judeu marginal tem sua problemática entre dois mundos, ou seja, de um lado, tem-se um sentimento de perda, de tensão e conflito de grupos sociais que diferem com relação à raça ou cultura e, por outro, os judeus deslocados procuram ajustar-se ao grupo que possui supremacia e poder.

Para Jacó Guinsburg: “O homem marginal é aquele a quem o destino condenou a viver entre dois mundos, em duas sociedades ao mesmo tempo, e a formar-se sob a influência de tradições e culturas diversas”.¹⁵ Nesse sentido, o judeu marginal é um ser paradoxal, de atitudes ambíguas, uma vez que está envolto entre dois mundos em choque e, por conseguinte, apresenta-se tenso e inquieto.

Giselda Leirner é escritora, pintora, desenhista e artista plástica. Em seu livro de contos intitulado *Naufrágios*, encontram-se, em especial, dois textos, que dialogam como continuidade de suas histórias. Vale ressaltar que as personagens transitam por outros contos de *Naufrágios* e há uma progressão da história passando diferentes

¹² Veloso, 2016, p. 66.

¹³ Gennep, 2011, p. 30.

¹⁴ Said, 2005, p. 69.

¹⁵ Guinsburg, 1967, p. 14.



rituais. O primeiro conto trata-se de “Campos” que mostra o cenário da guerra numa manhã de inverno, mais precisamente em 30 de julho de 1942, na França, onde as pessoas foram acordadas ainda à noite para serem interrogadas de maneira violenta e, posteriormente foram levadas de trem a um campo de internamento em Pithiviers. “Este era um dos muitos campos de espera e de reagrupamento, as antecâmaras da morte, guardadas pela polícia francesa”.¹⁶

Viver na margem reitera um lugar de isolamento e percepção diante da realidade e mais do que isso, remonta apegar-se àquilo que será um novo meio ritual de agregação e continuidade da vida:

Não sei se devo falar sobre o já explorado, repetir o já dito. Ou nunca será demais continuar sempre, antes da queda no esquecimento. Tudo desaparece. Vida recolhida em história é leitura de um tempo que se foi. O tempo escolhe o que fica, vai, e volta, para se ocultar, e sumir.

Entre o dito e o não dito, sempre haverá uma zona inexplicável. E dela, nunca conseguirei falar. O que é uma testemunha. O que sou?

Sim, poderei falar, mas não direi o indizível. Não saberia dizê-lo. O inumano, pode ser falado, pode ser contado?

[...] Por isso mesmo só contarei o que me mantém viva. A mim e à Criança. Conto para mim mesma, para mais ninguém. [...].

O pão e a palavra nos mantiveram vivas.¹⁷

A mulher é escolhida pela menina de quatro anos que está sozinha no trem e permaneceu calada durante o momento em que estiveram juntas e durante a experiência do terror, o seu silêncio representou o enclausuramento e a dilaceração diante da perda, da morte e paradoxalmente é a mulher que a acolheu que a mantém viva e isso ocorreu por meio da leitura, da palavra e, portanto, elas tentavam escrever uma nova história.

No outro conto intitulado “De volta ao campo” percebe-se que a mulher e à Criança permaneciam vivas e mediante as inúmeras mortes o cenário citadino começou a se modificar mesmo que escamoteado, destruído, em suma, continuava a hipocrisia e a insensatez das autoridades que relatavam uma “[...] mentira fantasiada, desmentindo acusações de crimes contra os judeus. Therezien era proclamada pela propaganda

¹⁶ Leirner, 2005, p. 33.

¹⁷ Leirner, 2005, p. 37-38.



nazista como “A cidade doada aos judeus pelo Führer”¹⁸.

Os espaços de transição mencionados nas narrativas demonstram subjetividade individual, e coletiva, bem como remontam o contexto sociocultural e histórico da época, o ambiente ora se apresenta inventado e ora reinventado, as lembranças e a narração dos fatos engendrados pela instância narrativa se mostram com singular desorganização/organização que parece configurar o passado de um judeu errante, ou até mesmo, estrategicamente, uma fragmentação do indivíduo inserido nesse mundo contemporâneo que se reverbera na construção da própria narrativa. Para Lyslei Nascimento, “a necessidade da sobrevivência impõe aos narradores, artistas e historiadores, uma forma de trazer à tona e reconstruir um arquivo a partir de uma memória esparsa, das cinzas”¹⁹.

Essa irradiação produzida pelos textos de Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim ganhou singulares ressonâncias judaicas. Emerge dessa operação uma transposição da vida cotidiana que se materializam em escritura, porém, esta, por assim dizer, arrasta a vida cotidiana até os confins da origem, a gênese dos acontecimentos humanos ligados aos judeus, isto é, os dias corriqueiros são descritos, entretanto, é uma espécie de reflexão e liminaridade sobre toda a ação humana. Há, aqui, com as autoras supracitadas a tentativa de resgatar a literatura da mera tarefa de legitimar os modos de vida e de ser das grandes cidades, lançando, portanto, luzes e sombras sobre o poder e a autoridade que concretizam o regramento social dos paradigmas humanos.

Jorge Luis Borges afirma que “a história universal é uma escrita que precisamos ler e escrever continuamente”. E é verdade: presenciamos continuamente a história universal e, nela, somos atores. E também somos letras, também somos símbolos: “Um texto divino no qual nos escrevem”²⁰. Mediante a esse processo de compreender que a arte, em especial a literária é um meio pelo qual somos coexistentes, partícipes de sua construção reitera-se, sobretudo, a ideia de salvação do homem que precisa ser artista no mundo social, isto é, busca se salvar pela inteligência abstrata, justiça e exercício de se fazer literatura e, além disso, da tentativa de reescrita da tradição, do valor instituído, no caso, a linguagem, e sua ressignificação em novos contextos.

Para Walter Benjamin, a produção romanesca moderna está intimamente ligada ao livro e o seu narrador se caracteriza de maneira objetiva e imparcial diante da coisa narrada, mesmo que tenha dela extraído a própria existência. A questão temporal está centrada na busca pelo sentido da vida, apresentada não como sabedoria a ser

¹⁸ Leirner, 2005, p. 57.

¹⁹ Nascimento, 2007, p. 94.

²⁰ Borges, 1979, p. 18.



transmitida, visto que ele “recebe a sucessão quase sempre com uma profunda melancolia”,²¹ todavia, como tentativa de que a semântica e coerência da vida se revele após a morte. O narrador que conhece as tradições tem sabedoria na composição e criação narrativa, ou seja, oferece ao leitor a concepção de integrar-se, de pertencer-se a uma comunidade historicamente consolidada.

O saber se espraia e cria conexões e nesse trajeto, Borges sublinha que:

Quando pensamos nas palavras, pensamos historicamente que as palavras foram no início som, e depois chegaram a ser letras. Na cabala (que significa recepção, tradição), porém, supõe-se que as letras são anteriores, que as letras foram os instrumentos de Deus, não as palavras significadas pelas letras. É como se se pensasse que a escrita, contra toda experiência, fosse anterior à dicção das palavras. Nesse caso, nada é casual na Escritura: tudo precisa estar determinado. Por exemplo, o número das letras de cada versículo.

Em seguida inventam-se equivalências entre as letras. Trata-se a Escritura como se fosse uma escrita cifrada, criptográfica, e inventam-se diversas leis para lê-la. Podemos tomar cada letra da Escritura e verificar que essa letra é inicial de outra palavra, e ler essa outra palavra significada. E igualmente para cada uma das letras do texto.²²

O tempo e sua compreensão de anterioridade e posterioridade traduz na possibilidade de acesso ao texto, pois este se apresenta aberto e possui condição plural de ajustar-se à memória ao passo que o leitor o ajuda a construí-lo. “Não há textos absolutos; os textos humanos, em todo o caso, não o são. Na prosa se atenta mais para o sentido das palavras; no verso, para o som. [...] num texto redigido pelo Espírito Santo, como supor um desfalecimento, uma fissura?”²³

O texto e a memória estão engendrados na construção e escrita literária e, além disso, assimilam um repertório que sempre é renovado, um processo intercambiante em que autor, texto e leitor formam uma cadeia significativa e potencialmente infinita. As narrativas escolhidas para este projeto visam cenas que mesclam entre passado, presente, futuro, visto que a memória e a imaginação são conjugadas de maneira fragmentada, lembranças são transcritas por meio de metáforas, sinestésias e metonímias, bem como o leitor é convidado a refletir, inclusive, sobre fatos oriundos na vida das autoras, ora numa tentativa de viver longe dos conflitos, ora incorpora

²¹ Benjamin, 1987, p. 212.

²² Borges, 1979, p. 61.

²³ Borges, 1979, p. 61.



na escrita às vicissitudes da guerra. Conforme aponta Ivan Izquierdo, “O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o efêmero presente em que vivemos, rumo ao futuro”.²⁴

Na composição das narrativas de testemunho, da literatura da Shoah estão imbricados temas como a vida, a morte, a memória e a prática da arte literária. Diante disso, as personagens protagonistas representam nos textos em estudo os sobreviventes e ou descendentes dos judeus mortos durante a II Guerra Mundial, bem como relatam as atitudes violentas ocorridas, registrando assim, por meio das histórias de seus testemunhos, marcas inerentes vivenciadas na mente e no corpo, memórias de um tempo estarrecedor e que o esquecimento seria uma finalidade e alento, no entanto, tal grave acontecimento não pode ser silenciado, pelo contrário, deve-se bradar cada vez mais forte e de maneira incisiva e substancial para que não se repita. Berta Waldman revela que os judeus, os deslocados por essa catástrofe foram atingidos com perdas de amigos e familiares; “Alguns escritores esperaram um tempo necessário de acomodação de lembranças para escrever suas memórias e tratar ficionalmente a Shoah”.²⁵

De acordo com Moacyr Scliar:

O judeu sempre foi um estranho, mirado com desconfiança e frequentemente transformado em bode expiatório. Ao estranho se atribuem poderes, e um realmente ele tem: pode lançar seu olhar desapaixonado sobre a realidade que encontra e perceber de imediato coisas que os nativos não vêem.²⁶

Vítimas de preconceitos, humilhações, violentas perseguições, estupros, assassinatos e outras atrocidades, os judeus foram obrigados a sair de seu local de origem e, portanto, passam a viver essa condição marginal. Logo, é o que me interessa nesse projeto, isto é, identificar como esse período marginal e exílio influenciam as autoras na composição do texto literário e, sobretudo como as personagens representam tais fatos históricos e sociais, como elas se comportam diante deles e, contudo, como a sociedade as observa e dialoga.

Lúcia Aizim é um expoente da poesia e prosa da literatura brasileira de expressão judaica. Seu primeiro livro foi publicado em 1974, intitulado *Alma pastora das coisas*. Aizim nasceu em Kryzhopol, na Rússia (atualmente Ucrânia), em 4 de julho de 1915. Ela chega ao Brasil aos cinco anos. Seu talento para as letras não é notado pela família, mas a partir da década de 1960, ela começa a desenvolver sua arte,

²⁴ Izquierdo, 2014, p. 9.

²⁵ Waldman, 2019.

²⁶ Scliar, 1986.



principalmente com o ingresso no curso de Letras na Faculdade Nacional. Ela teve várias escritoras que a incentivaram a escrever como Bela Josef, Nélida Pinon, Henriqueta Lisboa e Stella Leonardos.

No poema “Errância”, Aizim descreve o cenário de travessia do indivíduo sem pátria, desterrado ele parte em busca do desconhecido e essa liminaridade não se encontra somente no campo exterior, mas no seu lado interior, dentro de si mesmo, e essa dualidade ligada ao judeu em peregrinação remonta essa condição e estigma do exilado.

Eu ignorava para onde nos levaria
aquele navio
lento, pelo mar negro. Certamente
sabia, não era de recreio aquele barco.
Pelos rostos graves, pela proximidade dos
corpos
– algo dizia aos meus cinco
anos que atravessávamos o mar.
Embora não fosse tempestuoso. Havia até
lunar
em certas noites.
Era tão triste aquele barco
tão cheio de lembranças dos que partiam.
E eu ainda não sabia distinguir. Entre
uma cidade
e outra. Tudo era mar.
E desconhecido.
Só algumas palmeiras ficaram na
memória
só algumas palmeiras.
Depois, aqueles caminhos onde não
se permanecia
além de um breve amanhecer. Ou de
porto em porto
entre brumas anoitecidas.
Pouca bagagem, quase nenhuma.
Íamos, isso sim, assustados.
Onde pousariam nossas cabeças,
afinal?
De qualquer modo, levávamos
alguma esperança
de um chegar à terra elegida.



E eras, entre as américas,
brasil,
ilha perfil
a nos acolher
com seu nome de árvore das árvores.²⁷

Trata-se de um poema biográfico e narrativo e sua constituição repousa na voz de uma mulher adulta que fala e recorda de coisas e eventos da infância, mais precisamente quando tinha cinco anos e de quando vem no navio de imigrantes da Ucrânia para o Brasil. Então, o tempo literário e o elemento poético das metáforas e do exílio exalam nesse poema saudosista de Aizim e, ao mesmo tempo, retrata uma realidade vociferante, cujos efeitos foram devastadores e repercutem ainda nos escritores judeus contemporâneos.

A metáfora da “errância”, palavra que dá título ao poema consagra um discurso que se origina na bíblia e ressoa ainda hoje na literatura de escritores judeus. Trata-se da condição do peregrino judeu vivendo uma fuga constante, a cada passo uma realidade desconhecida pode se apresentar e a palavra reinvenção é sua busca maior nesse trajeto, pois o judeu errante para sobreviver em diferentes territórios e habitar distintos idiomas necessita se reinventar e se sentir motivado mesmo numa situação de crise, fora de um lugar no espaço, há sempre algo novo aproximando e o tornando mais forte e destemido, legado diaspórico do deslocamento que tem a missão de construir uma nova pátria, um novo mundo para se chamar de seu.

Há um eco da “Canção do exílio”, com relação à idealização da natureza romântica quando anuncia: “Era tão triste aquele barco/ tão cheio de lembranças dos que partiam. [...] Só algumas palmeiras ficaram na memória/ só algumas palmeiras”.²⁸ Diante disso, Waldman destaca a ambivalência da poética de Aizim, ou seja, de um lado, o legado do judaísmo (diáspora, religião), de outro, fatores incontroláveis de interferência de uma cultura local que carrega um modo de se posicionar frente à vida, apontando-lhe de fora um sentido. É a busca desse sentido, num plano inefável, um dos motivos que lança a escritora na aventura poética, sendo essa busca a própria constituição do sentido perseguido.²⁹

Nesse aspecto, a questão da singularidade, a brasilidade e a postura do estrangeiro exilado em terras brasileiras e sua implicação na produção poética de Aizim revela o exilado que pode ser interpretado como o indivíduo que migrou de sua terra natal rumo a um novo mundo, buscando-se pertencer a esse lugar e fazer morada e

²⁷ Aizim, 1978.

²⁸ Aizim, 1978.

²⁹ Waldman, 2016.



coexistência. Isso porque a partir da possibilidade do errar, constrói-se algo novo e por meio de sua arte compõe um espaço para si no mundo.

Considerações finais

Estudar as autoras judaico-brasileiras como Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim, especialmente analisando suas produções literárias sob o prisma dos ritos e vestígios judaicos remonta que o processo da memória e tradição cultural vinculada ao homem faz intervir não somente na sequenciação, ordenação ritual de seus vestígios, mas também pela releitura desses mesmos vestígios, o que implica experimentar um caminho novo e de transformação diante da realidade e tendo a esperança de que o amanhã surja com mais entusiasmo e capacidade de mudança.

Sendo assim, nesse trajeto dissonante, a imagem dos judeus, como personagens da história e da literatura, passam a viver essa condição marginal, do imigrante perseguido, em constante peregrinação e, sobretudo como as personagens das narrativas *Judite no país do futuro* (2004), de Adriana Armony, *Nas águas do mesmo rio* (2005), e *Naufrágios* (2011), de Giselda Leirner, bem como *Errância* (1978), de Lúcia Aizim representaram tais fatos históricos e sociais, como elas se comportaram diante deles e, contudo, como a sociedade as observava e dialogava, reforçando o lugar de pertencimento instalado numa condição instável e não permanente da terra e, portanto, do sentido da coexistência entre diferentes povos e línguas.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução: Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-11.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- BORGES, Jorge Luis. *Borges oral e Sete noites*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.
- DAMATTA, Roberto. Apresentação. *Os ritos de passagem*. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto da. Individualidade e Liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana, Estudos de Antropologia Social*. v. 6. n. 1, p. 7-29, 2000a.



- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUINSBURG, Jacó. *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- IGEL, Regina. Memórias do Holocausto. In: IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/ escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 211-248.
- IGEL, Regina. *Os novos escritores brasileiros-judeus: geração dos anos 70*. 1997. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/servlets/MCRFileNodeServlet/Document_derivate_00000480/BIA%20147%20Igel.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- JAFFÉ, A. *O mito do significado na obra de C. G. Jung*. Tradução: Daniel Camarinha da Silva; Dulce Helena Pimentel da Silva. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- NASCIMENTO, Lyslei. *Onde desemboca o silêncio, o mistério se manifesta: as escritoras da Shoah e a lição das coisas*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_9smWpyXHI. Acesso em: 12 out. 2023.
- NASCIMENTO, Lyslei. Memórias e testemunhos: a Shoah e o dever da memória. *IPOTESI – Revista de estudos literários*, v. 11, n. 2, p. 89-103, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipoteLsi/article/view/19347>. Acesso em: 12 out. 2023.
- NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. Belo Horizonte: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 2, n. 3, 2008.
- PEIRANO, M. G. S. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- OZ, Amos; OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ROSENFELD, Anatol. *Judaísmo, reflexões e vivências*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SAID, Edmund. *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.



SCHWEIDSON, Edelyn (org.). *Memórias e cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCLIAR, Moacyr. *O olho enigmático*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

VELOSO, Rodrigo Felipe. *Os ritos de passagem pelo coração selvagem da vida: um estudo de Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012.

VELOSO, Rodrigo Felipe. *“Sal da terra, luz do mundo”*: ritos de passagem e alquimia, caminhos de transformação em Clarice Lispector. 2016. 159 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2016.

VELOSO, Rodrigo Felipe; SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão da. *Ritual, identidade e metamorfose*: os ritos de margem em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. *Revista Itinerários*, Araraquara, n. 42, p. 65-80, jan./jun. 2016.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor*: história judaica e memória judaica. Tradução: Lina G. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WALDMAN, Berta. Alguns traços da poesia de Lúcia Aizim. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 10, n. 18, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14307>. Acesso em: 1 out. 2023.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WALDMAN, Berta. Uma história concisa do Holocausto na literatura brasileira. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos da UFMG*, 13(25), 20-53, 2019.

Enviado em: 10/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025